



A Santa Sé

CONSAGRAÇÃO DA IGREJA ROMANA DEDICADA AOS MÁRTIRES DO UGANDA

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Sábado, 26 de Abril de 1980

Veneráveis Irmãos e Filhos caríssimos

1. Parece-me quase supérfluo manifestar a minha satisfação ao celebrar esta solene liturgia, tão evidentes são as razões de prazer e de alegria. Hoje, pela primeira vez, desde quando, por disposição da divina Providência, assumi a responsabilidade da Sé de Pedro, é-me dado presidir aqui em Roma ao rito da consagração de uma Igreja. É uma nova Igreja, uma Igreja paroquial, que se une à esplêndida coroa de edifícios sagrados que marcam o vulto cristão da Cidade, e colherá no seu interior o povo de Deus, que poderá receber — junto da mesa da Palavra, da mesa da Eucaristia, e de outras fontes sacramentais — o multiforme alimento necessário para o seu crescimento sobrenatural. Além disso, é erecta uma pública e monumental memória em honra dos Mártires Ugandeses e, também deste ponto de vista, pode-se dizer que uma nova fileira de testemunhas de Cristo se une ao "candidatus exercitus", ao qual a Igreja dedicou tão frequentemente um especial lugar de culto no solo Romano: do Uganda, de facto, veio-nos no século passado um estupendo testemunho de fé! Hoje, então, pode-se dizer que a Roma cristã contempla mais uma vez a África cristã mediante a página moderna e heróica que ela acrescentou ao seu martirólogo e à sua história.

2. Ao dirigir a minha afectuosa saudação a todos os que aqui estão reunidos — o Senhor Cardeal Vigário Ugo Poletti e o Cardeal Arcebispo de Kampala Emmanuel Nsubuga, as Autoridades civis, o Pároco com os seus colaboradores e todos os fiéis da Paróquia — desejo fazer convergir a comum atenção da circunstância da consagração para as leituras litúrgicas, que foram escolhidas a propósito. Queria insistir, em particular, sobre a segunda leitura, e depois sobre o texto do evangelho.

Antes de tudo, deve-se realçar o que São Pedro nos disse, pois não só se adapta perfeitamente à circunstância de hoje, mas permite passar, segundo uma linha de simétrica coerência, da ideia de edifício material à de edifício espiritual, da Igreja-templo à Igreja-comunhão das almas. Na base de toda a obra — recorda-nos o Príncipe dos Apóstolos — está Cristo Senhor, pedra viva e angular, pedra escolhida e preciosa aos olhos de Deus; mas também as nossas almas são pedras vivas, e como tais são usadas na construção sobre o fundamento daquela mesma pedra, de modo a formarem uma casa espiritual, um sacerdócio santo, cujo fim é oferecer sacrifícios espirituais que serão agradáveis a Deus (*1 Ped 2, 4-5*).

Nunca se relevará bastante o profundo significado deste ensinamento apostólico: refiro-me ao mistério da nossa edificação sobre Cristo, isto é, do tornarmo-nos Igreja com Ele, n'Ele e por Ele! Recordai a este propósito, Irmãos e Filhos caríssimos, quanto nos foi dado a conhecer pelo Concílio Vaticano II na Constituição dogmática *Lumen Gentium*, que, entre as várias imagens da Igreja, não esqueceu aquela da construção (cfr. n. 6). Nós devemos estar edificados sobre Cristo, porque este e não outro é o fundamento que dá estabilidade e segurança à nossa vida. De facto, São Paulo explica, fazendo perfeitamente eco ao co-apóstolo Pedro: na Igreja "ninguém pode pôr outro fundamento diferente do que foi posto, isto é, Jesus Cristo (...). Não sabeis que sois templos de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (*1 Cor 3, 11, 16*).

Eis, então, a ideia da edificação desenvolvida até ao seu ponto terminal, de um templo completo em todas as suas partes. Cada um de nós neste templo é uma pedra viva, mas não isolada, não autónoma, nem auto-suficiente. Cada um de nós pode ser edificado somente em Cristo, pois sem Ele toda a construção estaria destinada a desabar: é a super-edificação. Cada um de nós deve edificar-se com os outros irmãos, por força da lei da comunhão eclesial, que é como o "cimento" que a todos nos une em Cristo; é a co-edificação. Somente nestas condições se torna majestoso o templo de Deus.

Todos formamos a Igreja de Deus, porque estamos solidamente alicerçados sobre Cristo, seu Filho, e estamos intimamente unidos aos nossos irmãos de fé. Precisamente tal consciência é um dos pontos qualificantes da profissão cristã: *Credo unam, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam!* Várias vezes recitamos este artigo da nossa fé, mas devemos também meditá-lo, pedindo ao Espírito que nos ilumine interiormente, a fim de que acenda a sua luz divina no místico templo da nossa alma, no qual ele próprio habita.

3. É indubitável, por outra parte, que também o templo material é necessário. Todos conhecemos as dificuldades que apresenta a construção de novos edifícios sagrados. É problema às vezes grave e de não fácil solução. Mas o edifício de pedra não é tudo: ele tem uma função claramente instrumental e simbólica em comparação com o outro superior edifício, do qual vos falei até agora.

Qual é então — podemos perguntar-nos — a relação entre os dois edifícios? É Jesus que a

explica no Evangelho, na passagem do seu colóquio com a Samaritana. "Acredite-Me, mulher, vai chegar a hora em que nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai (...) Vai chegar a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai em espírito e verdade, pois sois esses adoradores que o Pai deseja. Deus é espírito.." (Jo 4, 21.23). Neste texto encontramos uma revelação, que nos ilumina sobre o que deve ser realmente a vida religiosa. É a "verdade", porque deve adequar-se àquilo que é Deus: sendo Deus puríssimo espírito, a adoração, como acto supremo do culto que Lhe prestamos, não pode deixar de ser em espírito. A realidade ontológica de Deus-espírito, corresponde a realidade psicológica do homem que adora em espírito: eis a verdade, como dimensão do culto querido por Cristo.

Por isso faço votos por que o templo, que hoje se inaugura publicamente, como centro propulsor da vida comunitária desta Paróquia, reúna e acolha sempre mais numerosos os adoradores que o Pai deseja (cfr. *ibid.*). Inseridos como pedras vivas no edifício eclesial, poderão eles seguir, sem hesitação e sem confusões, a Cristo que é o caminho seguro para chegar ao Pai (cfr. Jo 14, 6). Assim, na liturgia terrena, antegozando, participamos da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, de modo pleno e perfeito (cfr. Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 8). Lá é que cantaremos ao Senhor o nosso hino de glória, com todos os Anjos e com os Santos.

4. O último pensamento que vos quero propor, caríssimos Filhos, inspira-se nesta visão do Céu, onde vivem, em Deus, os 22 Mártires do Uganda. E ainda mais de boa vontade dirijo-me a estes nossos Irmãos, como à sua terra de África, porque lá irei no próximo fim de semana. Assim como Paulo VI, depois de os ter canonizado (18 de Outubro de 1964), quis dirigir-se em peregrinação a Kampala para a consagração do altar do seu Santuário e para encerrar um importante Simpósio do Episcopado Africano, assim o seu humilde sucessor, por um indizível desígnio pastoral, decidiu uma nova peregrinação em outros diversos Países daquele mesmo Continente. Parece-me que presentemente se deve ter em conta o ligame, que a celebração desta tarde tem com ambas as peregrinações: é sempre a Igreja de Roma que, como no passado, se move agora para visitar porções eleitas do seu orgânico e indiviso corpo, para estabelecer, como outrora, um contacto mais estreito com as pedras vivas do seu edifício unitário e nele promover, além disso, a mútua edificação na caridade e na paz.

A minha viagem quer ser um alegre reconhecimento da afirmação de Paulo VI: *Africa est nova patria Christi* (Homilia na canonização dos Mártires Ugandeses: AAS LVI, 1964, pp. 907-908), e é igualmente uma celebração de unidade eclesial; de tal modo que o estarmos aqui reunidos, circundados pela presença fraterna dos fiéis Ugandeses, serve como um feliz auspício para a já próxima partida. Peço-vos, amados Filhos, que coloquais entre as intenções da vossa oração também um pensamento para esta minha visita a África, para que o Senhor, seja somente o Senhor, o guia dos meus passos e queira ajudar-me no ministério, que especificamente me compete como sucessor de Pedro, de fortalecer os irmãos (cfr. Lc 22, 32). E desde agora agradeço-vos esta caridade.

5. E agora dirijo uma especial saudação à peregrinação do Uganda.

Caríssimos peregrinos do Uganda:

Já vos dei as boas-vindas. durante a última audiência geral de quarta-feira. Alegro-me ao ver-vos hoje aqui. Sois os herdeiros dos mártires, em cuja honra esta igreja foi dedicada.

Eles deixaram-vos em herança o tesouro da fé cristã. É um tesouro cujo valor é o que há de mais evidente, porque provém do testemunho que deram dela. Eles estavam mais preparados para morrer do que para a regenerar. Sabiam que ela vale mais do que todas as riquezas da terra, pois dá acesso às riquezas que são infinitamente superiores e permanecem para sempre, porque é a porta de entrada para uma vida com a qual a vida corporal não pode ser comparada.

Sede vós próprios merecedores da herança que recebestes. Mostrai que considerais a vossa fé cristã tão alta como fez São Carlos Lwanga e os seus companheiros. Vivei de acordo com o programa que o meu predecessor Paulo VI vos apresentou, quando foi visitar o vosso País: "primeiro; tende grande amor a Jesus Cristo; procurai conhecê-1'O bem, permaneçei unidos a Ele, tende grande fé e grande confiança n'Ele. Segundo, sede fiéis à Igreja; rezai com ela, anunciai-a, tornai-a conhecida; estai sempre prontos, como estiveram os vossos mártires, a dar sincero testemunho dela. Terceiro, sede fortes e corajosos; permaneçei tranquilos; sede sempre felizes e alegres. Porque, lembrai-vos sempre disto, a vida cristã é o que de mais belo existe!".

© Copyright 1980 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana